



CONJUNTURA

A Miséria dos Números

Quantos brasileiros não dispõem de renda suficiente para suprir no mercado suas necessidades calóricas básicas? O número da FGV é 50 milhões contra 22 milhões do Ipea. Afim de compararmos "laranjas com laranjas", elegemos índice de preços e data: o INPC em outubro de 1999. A FGV utilizou a população do Censo 169.6 milhões de pessoas contra 152 milhões do Ipea. De toda forma, a proporção de indigentes calculadas pela FGV é de 29.3% contra 14.5% do Ipea, ambas baseadas na Pnad do IBGE. A diferença residual pode ser decomposta em: 1) linha de indigência básica. 2) diferenças regionais de custo de vida.

A linha da FGV, deriva de trabalho meu em co-autoria com Peter Lanjouw e meu colega de Valor, Chico Ferreira. era de 76 reais mês por pessoa na capital paulistana contra 57 reais do Ipea. A página 32 de "A estabilidade Inaceitável: desigualdade e pobreza no Brasil", publicado pelo Ipea, cita um valor de linha idêntico ao que já havíamos encontrado. Fiquei confuso mas acredito que o valor correto seja o mencionado acima e essa coincidência decorra do Ipea ter em algum momento flertado com a nossas metodologia e calorias diárias (2280).

O grosso das diferenças encontradas nas duas estimativas decorre dos deflatores regionais. Usamos preços variáveis e uma cesta fixa de bens, enquanto o IPEA usa linhas transversais "endogenamente construídas". A questão chave aqui é até que ponto as estratégias de sobrevivência dos miseráveis devem influenciar as estimativas de custo de vida regionais. Neste ponto, não existe "regra correta". Toda literatura de bem-estar social é movida por preceitos éticos. O que é razoável depende de julgamentos de valor, os quais nós economistas não temos mandato para decidir por todos.